

Salmo 45

O CANTICO NUPCIAL

Sobre o *casamento* do Messias



(não gente esse não é o Messias, é o Jonas casando com a Priyanka...)

1 O meu coração ferve com palavras boas, falo do que tenho feito no tocante ao Rei. **A minha língua é a pena de um destro escritor.**

2 **Tu és mais formoso do que os filhos dos homens; a graça se derramou em teus lábios;** por isso Deus te abençoou para sempre.

3 Cinge a tua espada à coxa, **ó herói,** com a tua glória e a tua majestade.

4 E **neste teu esplendor cavalga prosperamente, por causa da verdade, da mansidão e da justiça;** e a tua destra te ensinará coisas terríveis.

5 **As tuas flechas são agudas no coração dos inimigos do rei, e por elas os povos caíram debaixo de ti.**

6 O teu trono, ó Deus, **é eterno e perpétuo;** o cetro do teu reino é um cetro de eqüidade.

7 Tu amas a justiça e odeias a impiedade; **por isso Deus, o teu Deus, te ungiu com óleo de alegria mais do que a teus companheiros.**

8 **Todas as tuas vestes cheiram a mirra e aloés e cássia, desde os palácios de marfim de onde te alegam.**

9 **As filhas dos reis estavam entre as tuas ilustres mulheres; à tua direita estava a rainha ornada de finíssimo ouro de Ofir.**

10 **Ouve, filha, e olha, e inclina os teus ouvidos;** esquece-te do teu povo e da casa do teu pai.

11 **Então o rei se afeiçoará da tua formosura,** pois ele é teu Senhor; adora-o.

12 **E a filha de Tiro estará ali com presentes;** os ricos do povo suplicarão o teu favor.

13 **A filha do rei é toda ilustre lá dentro;** *o seu vestido é entretecido de ouro.*

14 **Levá-la-ão ao rei com vestidos bordados;** as virgens que a acompanham a trarão a ti.

15 **Com alegria e regozijo as trarão; elas entrarão no palácio do rei.**

16 **Em lugar de teus pais estarão teus filhos; deles farás príncipes sobre toda a terra.**

17 **Farei lembrado o teu nome de geração em geração;** por isso os povos te louvarão eternamente.

O salmo 45 é um dos mais belos das Escrituras. Deslumbrante em todos os sentidos. É deslumbrante porque trata de um casamento real. Ele é uma celebração, delinea uma extraordinária festa, contrasta os sentimentos e até os sentidos do noivo e da noiva, nos conduz a apaixonada despedida do pai da noiva no momento que a entrega para seu futuro esposo, dando seu último conselho antes que está se torne esposa e saia definitivamente do convívio de sua casa, descreve com detalhes e emoção os momentos que antecedem o grande evento, as festividades, insinua a dança, aconchega o riso, o canto, detalha as vestes maravilhosas e caras de ambos, deixando impressões até dos cheiros e perfumes utilizados no grande momento. Para que o salmista traduzisse tal celebração solene, de modo oral, ele necessitava ter a inspiração de um habilidoso escritor, numa dimensão tão mágica que sua oratória fosse tão elevada como a palavra escrita, um poema vivo, com a erudição que somente inspirados escritores podem possuir. Ele quer compor uma obra-prima cantando, como se a estivesse escrevendo. Os processos que operam a escrita e a oratória são distintos. A palavra escrita manifesta os pensamentos comparados, as frases, orações, verbos, e palavras criteriosamente escolhidas, meditadas, finalizando num texto amadurecido. O poema declamado, o improvisado, é a palavra ainda criança, é a expressão do sentimento ainda imatura, feita de palavras catadas a esmo, escolhidas num rompante, flutuantes na memória, normalmente construindo uma poesia insipiente, incompleta, imatura. O salmista anseia escrever com os lábios, ser tão loquaz, ser tão erudito ao contar sua bela história quanto um apaixonado escriba egípcio.

O fio condutor do salmo 45 é justamente os sentimentos da amada, da menina-moça, da princesa do reino distante que foi convocada, convidada ou até mesmo arrastada para um casamento de incomum nobreza. Ele retrata provavelmente um dos mais espetaculares "casamentos" de Salomão filho de Davi, representando a milhares de casamentos reais ao redor do mundo, e transbordando de significados até apontar para o casamento mais espetacular de todos, ao casamento mais sublime e importante, do rei perfeito, o do "aguardado pelas nações", o Messias. Ele descreve de modo humano, ao Messias se casando, como o homem perfeito, tomando para si uma princesa, uma gentia. **Ele descreve PROFETICAMENTE ao casamento de Jesus com sua Igreja.**

O salmo acontece no palácio, onde os convidados aguardam ansiosos a chegada da noiva. A cena principal do salmo:

As filhas dos reis estavam entre as tuas ilustres mulheres; à tua direita estava a rainha ornada de finíssimo ouro de Ofir.

10 **Ouve, filha, e olha, e inclina os teus ouvidos;** esquece-te do teu povo e da casa do teu pai.

11 **Então o rei se afeiçoará da tua formosura,** pois ele é teu Senhor; adora-o.

12 **E a filha de Tiro estará ali com presentes;** os ricos do povo suplicarão o teu favor.

13 **A filha do rei é toda ilustre lá dentro;** *o seu vestido é entretecido de ouro.*

14 **Levá-la-ão ao rei com vestidos bordados;** as virgens que a acompanham a trarão a ti.

A cena mostra a festividade que levou muito tempo para atingir a este instante, nos momentos finais que antecedem a entrada da noiva real na presença do soberano.

Há muita sonoridade e cenas ocultas neste salmo. Ele convida o leitor a ter sensibilidade e imaginação.

Em Cantares de Salomão há um verso que fala do mistério do coração de Sunamita, quando ela fala de como enxerga ao seu amado:

5 Eu me levantei para abrir ao meu amado; e as minhas mãos destilavam mirra, e os meus dedos gotejavam mirra sobre as aldravas da fechadura.

9 Que é o teu amado mais do que outro amado, ó tu, a mais formosa entre as mulheres? Que é o teu amado mais do que outro amado, para que assim nos conjures?

10 O meu amado é cândido e rubicundo, o primeiro entre dez mil.

11 A sua cabeça é como o ouro mais refinado, os seus cabelos são crespos, pretos como o corvo.

12 Os seus olhos são como pombas junto às correntes das águas, lavados em leite, postos em engaste.

13 As suas faces são como um canteiro de bálsamo, os montões de ervas aromáticas; e os seus lábios são como lírios que gotejam mirra.

14 Os seus braços são como cilindros de ouro, guarnecidos de crisólitas; e o seu corpo é como obra de marfim, coberta de safiras.

15 As suas pernas como colunas de mármore, colocadas sobre bases de ouro refinado; o seu semblante como o Líbano, excelente como os cedros.

16 O seu falar é muitíssimo suave; sim, ele é totalmente desejável. Tal é o meu amado, e tal o meu amigo, ó filhas de Jerusalém.

Essa descrição é cheia de sonoridades. Há uma nuance de sons na descrição do amado, o silêncio da contemplação, o ruído de folhas de palmeira balançando ao vento, o gorjeio de corvos, o arrulhar de pombas, o ruído das águas de um riacho e depois de uma cachoeira, o silêncio de um jardim, o ruído de mirra sendo

colhida pelas mãos de perfumistas, o imperceptível ruído de mirra escorrendo de dentro de lírios. O som do trabalho de ourivesaria, o som de elefantes (marfim), o som do artesanato em marfim, o som de colunas gigantescas de mármore sendo erguidas; o ruído das bases de ouro, sendo impactadas pelo peso das colunas de mármore. O som do vento na floresta de cedros na montanha. O som de um beijo.

Em dado instante Salomão contempla Sunamita:

5 e teu pescoço é como uma torre de marfim. Teus olhos são como as piscinas de Hesebon, junto à porta de Bat-Rabim; e teu nariz é como a torre do Líbano, que aponta na direção de Damasco.

Evoca ao ruído do artesanato em marfim, o som de elefantes indianos. Os barulhos das cachoeiras que enchem as piscinas de Hesebon. AO ruído dos comerciantes negociando próximos das portas de Bat-Rabim, na cidade damascena.

Há no salmo 45 essa herança musical, festiva, sonora. Há um ambiente que necessita ser imaginado, poetizado, suspirado pelas moças de todas as eras, para ser compreendido.

O retrato criado se baseia num dos casamentos do rei Salomão. Na antiguidade o soberano poderia ter mais de uma esposa, poderia se casar novamente ainda que já tivesse ao seu lado uma rainha. E do mesmo modo que festejou suas bodas iniciais, para cada donzela desposada teria que realizar as festas de acordo com a dignidade da noiva que desposava. Os casamentos reais eram realizados entre famílias reais de nações diferentes, porque os reinos da antiguidade realizavam a paz e a comunhão entre si por laços de sangue. Os reis da antiguidade possuíam genealogias míticas, significava que suas famílias eram separadas das demais porque descendiam de divindades territoriais, ou que suas famílias haviam sido assim separadas de modo sobrenatural ou mágico, em algum momento de sua história. Cada reino reivindicava para si a hegemonia, a soberania. E a hierarquia das relações se dava entre pessoas do mesmo nível social. A balança do poder nas relações reais entre reinos que se diziam herdeiros de uma escolha celestial, de uma vocação divina, e até de uma descendência divina, como a família real japonesa, conduzia a "fusão" dos reinos através do parentesco. Tornando-se uma mesma família, poderia haver uma relação de amizade de "pares" sem a necessidade de submissão de um reino para o outro, mas uma relação de cooperação. A "doação" de uma princesa era então o meio mais usado para que isso ocorresse. Nem sempre as moças se casavam por vontade própria. Eram feitos casamentos arranjados, onde a paz entre os reinos era uma necessidade para sobrevivência ou manutenção da autonomia de um estado antigo e as

donzelas e filhas dos reis sentiam-se na obrigação deste "sacrifício". Porém em muitos casos isso constituía em grandiosa honra. E ainda que fossem casamentos arranjados, poderiam ocorrer histórias de amor belíssimas. A cena do casamento narrado neste salmo declara em verso e prosa a extrema predileção entre o rei e a princesa. Os detalhes citados nesse casamento misterioso não deixam dúvida sobre a importância dele para o "coração" do rei. É um casamento encantado, onde o rei está em suspenso, onde a alegria é a tônica, onde a história, é tornado uma canção, um GLORIOSO CANTICO NUPCIAL REAL.

10 Ouve, filha, e olha, e inclina os teus ouvidos; esquece-te do teu povo e da casa do teu pai.

O pai da bela moça aconselha sua filha nos momentos que antecedem seu desfile diante do rei. Ele sabe que ela migra para uma nova vida, e que abraçará a tradições que desconhece completa ou parcialmente, que deverá agora aprender os costumes da nação para que está sendo chamada, devendo aprender as tradições da família de seu esposo. Ela já não faz mais parte da família que é originária, ela está sendo adotada por uma nova família. A integração com a família de um novo reino é como se os laços pré-existentes já não existissem. Embora restem os laços afetivos, as responsabilidades da moça são agora a de uma princesa de um outro estado soberano e até na eventualidade de uma guerra entre os dois reinos, sua posição seria a de uma estrangeira, deveria zelar pelos interesses de sua nova nação. Deveria aprender a amar a seu novo povo, a aprender suas canções, sua história, a sua língua, seus costumes e leis.

11 Então o rei se afeiçoará da tua formosura, pois ele é teu Senhor; adora-o.

Então certamente o rei a quem ele concedia sua mão se afeiçoaria dela, em virtude de seu esforço. O pai aqui declara algo que já suspeitávamos desde o princípio, como diria o Chaves, que ela era de extrema beleza. E que ao se tornar "bela" por sua dignidade, ressaltaria igualmente a sua beleza pre-existente, sua tremenda beleza exterior.

12 E a filha de Tiro estará ali com presentes; os ricos do povo suplicarão o teu favor.

Essa moça é insinuada no texto como princesa de Tiro, ou pertence a uma nação não designada, acompanhada de uma amiga princesa Tiro. Esse verso fala dela mesma ou de uma amiga que traz os mais preciosos presentes da época. Tiro era uma potência naval, seus marinheiros mão de obra especializada e "exportados" para o mundo todo. Gregos, romanos, babilônios ou persas, todos tiveram em seus navios capitães persas. A princesa que se casa neste salmo caminha para um patamar de honra inaudito, para uma riqueza poucas vezes contemplada na terra. Ao se casar com Salomão ela fará parte da nação mais rica do mundo da antiguidade nesse instante.

13 A filha do rei é toda ilustre lá dentro; *o seu vestido é entretecido de ouro.*

Enquanto é preparada para o casamento no interior do palácio das mulheres, numa residência separada do salão real, podemos ter uma vaga noção do luxo com que é tratada. Ela é vestida com seda preciosíssima e com bordados ou fios que adoram suas vestiduras feitos de ouro puro.

14 Levá-la-ão ao rei com vestidos bordados; as virgens que a acompanham a trarão a ti.

Seu preparo dependeu de muitas servas, houve um ritual de preparo das suas vestes, desde sua produção com requintado artesanato feito de obra de bordadura até o modo como essas vestes foram limpas, perfumadas e transportadas para a noiva. E depois de vestida, uma comitiva de servas igualmente bem vestidas a conduzirão em procissão solene até a presença do rei que a aguarda no salão.

15 Com alegria e regozijo as trarão; elas entrarão no palácio do rei.

16 Em lugar de teus pais estarão teus filhos; deles farás príncipes sobre toda a terra.

A algazarra é muito grande. Há danças, há gritos, as servas dançam, regozijam. Há acompanhamento de instrumentos musicais e a sua chegada é antecedida com o ruído e o alarido das dançarinas, com o cântico das cantoras. O palácio se enche com o som dos cânticos, com as cores dos vestidos das acompanhantes e com o cheiro do perfume que está derramado no vestido da noiva.

O futuro está diante dos olhos da moça que já sente saudade de seus pais. Ela se assombra com a grandeza do palácio, com a sombra da responsabilidade que agora pesa sobre seus ombros, com a majestade que a aguarda e com o assombro do desconhecido. E para vencer a excitação, para sobrepujar o medo ela pensa no que virá. Não terá mais a companhia de seus pais porém gerará filhos, que como ela terão descendência real, serão príncipes. E serão príncipes com tremendo domínio. Porque nesse momento as duas realidades se apresentam, a sombra do Velho Testamento e a luz do Novo, Salomão sorrindo e Cristo aguardando sua Igreja. O domínio de Salomão era circunscrito ao território israelita. Nesse momento a PROFECIA domina o texto:

deles farás príncipes sobre toda a terra.

Essa moça geraria filhos que dominariam sobre o DOMINIO DO MESSIAS, sobre toda a Terra, que pertence a CRISTO.

O CASAMENTO (Texto de Fustel de Colanges – Cidade Antiga)

Analisando as tradições da antiguidade da cultura grego-romana o professor de história Fustel de Colanges (1830-1889), natural de Paris, compreendeu que todas ou a maioria das instituições civis da Grécia e Roma nasceram no culto, na adoração religiosa, nas crenças antigas em antepassados divinizados, que eram a base da religião caseira, feita de veneração aos manes e lares, espíritos dos antepassados e ao fogo sagrado aceso na sala das casas, que representava a essência da religião, sempre aceso, sempre renovado, num lugar exclusivo de determinada família onde o pai era o sacerdote e os membros da família os representados, únicos com legitimidade para adoração dos familiares mortos. Essa religião primitiva, imaginava, seria a base da religião grega. Pensava que os deuses do olimpo como fruto de uma teologia posterior, onde a religião caseira se desenvolveria para a religião da comunidade. Talvez até deuses imortais, olímpianos ou celestiais tenham sido um dia somente patronos, antepassados famosos de inúmeras gerações passadas cuja identidade humana se perdeu. *O evangelho da serpente* na verdade é mais complexo, mas extenso. A religião corrompida pelo domínio da morte possui várias sementes ruins.

A primeira instituição que a religião doméstica estabeleceu foi, provavelmente, o casamento. É necessário notar que essa **religião do lar** e dos antepassados, que se transmitia de varão para varão, não pertencia, contudo, exclusivamente ao homem; a mulher tomava parte no culto. **Como filha, assistia aos atos religiosos do pai;** como casada, aos do marido.

Somente por isso se pode avaliar o caráter essencial da união conjugal entre os antigos. Duas famílias vivem uma ao lado da outra, **mas possuem deuses diversos. Em uma delas, a jovem participa, desde a infância, da religião do pai,** invoca seu **lar**, oferece-lhe todos os dias libações, enfeita-o com flores e grinaldas nos dias festivos, pede-lhe proteção, agradece-lhe benefícios. **Esse fogo paterno é o seu deus.** Se um jovem de outra família a pede em casamento, para **ela isso significa muito mais do que passar de uma casa para outra. Trata-se de abandonar o lar paterno, para invocar daí por diante os deuses do esposo. Trata-se de mudar de religião, de praticar outros ritos, de pronunciar outras orações.** Trata-se de **deixar o deus de sua infância, para colocar-se sob o império de um deus desconhecido.** E ela não espera permanecer fiel a um, honrando a outro, **porque um dos princípios imutáveis dessa religião é que uma pessoa não pode invocar dois lares, nem duas séries de antepassados.** "A partir do casamento, diz um antigo, a mulher não tem nada mais em comum com a religião doméstica dos pais: ela passa a sacrificar **aos manes** do marido)."

O casamento, portanto, é ato sério para a jovem, e não o é menos para o esposo, porque **a religião exige que se nasça junto ao fogo sagrado para ter-se o direito de oferecer-lhe sacrifícios.** E, no entanto, **o rapaz vai introduzir em seu lar uma estranha; em sua companhia, oficiará as cerimônias misteriosas**

do culto, revelando-lhe ritos e fórmulas, que constituem patrimônio de família.

Não há nada mais precioso que essa herança; **os deuses, ritos e hinos, que recebeu dos pais, é quem o protege na vida, e lhe promete riqueza, felicidade**, virtude. No entanto, em vez de guardar para si esse poder tutelar, como o selvagem guarda um ídolo ou amuleto, vai admitir uma mulher para participante dos mesmos.

Desse modo, quando penetramos o pensamento dos antigos, vemos a importância que **tem para eles a união conjugal**, e quanto lhe é imprescindível a intervenção da religião. Não seria, portanto, necessário, para que a jovem fosse iniciada no culto que iria seguir, **uma cerimônia sagrada de iniciação?**

Para **tornar-se sacerdotisa de um novo fogo, não haveria uma espécie de ordenação ou de adoção?**

O casamento era a cerimônia sagrada que deveria produzir esses grandes efeitos. Os escritores latinos e gregos têm o hábito de designar o casamento por palavras que indicam ato religioso. Pólux, que viveu no tempo dos Antoninos, mas que podia manusear toda uma antiga literatura que não possuímos mais, diz que nos tempos remotos, em lugar de designar o casamento por seu nome particular (gámos), designavam-no simplesmente pela palavra **télos, que significa cerimônia sagrada**, como se o casamento fosse, nesses tempos antigos, a cerimônia sagrada por excelência.

Ora, a religião que celebrava o casamento não era a de Júpiter, de Juno, ou dos outros deuses do Olimpo. **A cerimônia não era realizada em templo; era realizada em casa, presidida pelo deus doméstico.** Na verdade, quando a religião dos deuses do céu se tornou preponderante, não foi mais possível deixar de invocá-los também nas preces do casamento; tomou-se então o costume de ir antes aos templos, para oferecer sacrifícios a tais deuses, **sacrifícios esses que eram conhecidos como prelúdios do casamento.** Mas, **a parte principal e essencial da cerimônia sempre devia realizar-se diante do lar doméstico.**

Entre os gregos, a cerimônia do casamento compunha-se, por assim dizer, de três atos. O primeiro realizava-se diante **do lar paterno, enghyesis, o terceiro no lar do marido, télos**, e o segundo era a **passagem de um para outro, pompé.**

1.º Na casa paterna, em presença do pretendente, o pai, de ordinário rodeado pela família, oferece um sacrifício. Terminado este, declara, enquanto pronuncia uma fórmula sacramental, **que dá a filha ao homem que a pediu.**

Essa declaração é absolutamente indispensável para o casamento, porque a jovem não poderia ir adorar o lar do esposo, se seu pai não a houvesse antes

desligado do lar paterno. Para ingressar na nova religião, deve estar livre de todos os laços ou vínculos da religião primitiva.

2.º A jovem é levada para a casa do marido. Às vezes, é o próprio marido que a conduz. Em algumas cidades o encargo de levar a jovem cabia a um daqueles homens que entre os gregos estavam revestidos de caráter sacerdotal, e que chamavam de arautos. A jovem, comumente, é colocada sobre um carro, o rosto coberto com um véu, e à cabeça leva uma coroa. O uso da coroa, como veremos muitas vezes, era um costume observado em todas as cerimônias do culto. Os vestidos são brancos. O branco era a cor dos vestidos em todos os atos religiosos. Precedem-na carregando archotes: é o archote nupcial. Em todo o percurso cantam a seu redor um hino religioso, cujo estribilho é o seguinte: *õ hymén, õ hyménaie*. Esse hino era conhecido por *himeneu*, e a importância desse canto sagrado era tão grande, que dava nome a toda cerimônia. A jovem não entra por si mesma em sua nova morada. É necessário que o marido a carregue, que simule um rapto, que grite um pouco, e que as mulheres que a acompanham finjam defendê-la. Por que esse rito? Seria um símbolo do pudor feminino? Isso é pouco provável; ainda não chegou o momento do pudor, porque o que se vai realizar por primeiro nessa casa é uma cerimônia religiosa. Será que esse rapto simulado não quer antes significar que a mulher que vai oferecer sacrifícios no novo lar não tem por si mesma nenhum direito, que ela não o adota por sua própria vontade, e que é necessário que o dono da nova casa e seu respectivo deus a introduza à força? Ou uma reminiscência antiga da origem grega. Nos conduz diretamente ao rapto das mulheres pela tribo de Benjamim. Seja o que for, depois de uma luta fictícia, o esposo ergue-a nos braços e a introduz na casa, tendo grande cuidado para que seus pés não toquem na soleira da porta. Porque a soleira da porta era dedicada aos deuses.

O que precede não é senão preparação e prelúdio da cerimônia. O ato sagrado vai ter início no interior da casa.

3.º À frente do fogo sagrado, a esposa é colocada em presença da divindade doméstica. É aspergida com água lustral, e toca o fogo sagrado. Dizem-se orações. Depois os esposos compartilham um bolo, um pão e algumas frutas

Essa espécie de refeição ligeira, que começa e termina com uma libação e uma prece, **essa comunhão de alimentos diante do fogo sagrado, põe os dois esposos em comunhão religiosa, como também em comunhão com os deuses domésticos.**

O casamento romano assemelhava-se muito ao casamento grego, e como ele, constava de três atos: **traditio, deductio in domum, confarreatio.**

1.º A jovem deixa o lar paterno. Como não está ligada a esse lar por direito próprio, mas apenas pela mediação do pai de família, somente a autoridade do pai pode livrá-la desse laço. A tradição, é, portanto, formalidade indispensável

2.º A jovem é conduzida à casa do esposo. Como na Grécia, ela é velada, usa coroa, e um archote nupcial precede o cortejo. Canta-se a seu redor um hino religioso. As palavras desse hino, talvez com o tempo tenham mudado, acomodando-se às variações das crenças e do modo de falar, mas o estribilho sacramental continuou sempre sem alteração alguma: era a palavra Talássia, vocábulo que os romanos do tempo de Horácio compreendiam tanto quanto os gregos compreendiam a palavra *hyménaie*, que era, provavelmente, a relíquia sagrada e inviolável de antiga fórmula.

O cortejo parava diante da casa do esposo, onde apresentam à jovem fogo e água. O fogo é o emblema da divindade doméstica; a água é a água lustral, que serve para a família em todos os atos religiosos. Para que a jovem entre na casa é necessário, como na Grécia, simular um rapto. O esposo deve erguê-la nos braços, e carregá-la, tomando cuidado para que não toque a soleira da porta com os pés.

3.º A esposa é conduzida diante do fogo, onde estão **os penates, onde todos os deuses domésticos e as imagens dos antepassados agrupam-se ao redor do fogo** sagrado. Os dois esposos, como na Grécia, oferecem um sacrifício, fazem libações, pronunciam algumas preces, e comem juntos um manjar de flor de farinha (*panis farreus*).

A consumpção desse manjar em meio à récita de preces, na presença e sob os olhos das divindades da família, é o que constitui a união santa do esposo e da esposa. Desde esse instante ambos estão unidos no mesmo culto. A mulher tem os mesmos deuses, os mesmos ritos, as mesmas orações, as mesmas festas que o marido. Daí essa velha definição de casamento, que os jurisconsultos nos conservaram: *Nuptiae sunt divini juris et humani communicatio*. — E esta outra: *Uxor socia humanae rei atque divinae*. — (O casamento é assunto divino e de comunhão humana – Esposa és, na aliança das coisas humanas e divinas)

É que a mulher começou a participar da religião do marido, mulher a quem os próprios deuses, como diz Platão, introduziram na nova casa. A mulher assim casada continua a cultuar os mortos; **mas não é mais a seus antepassados que oferece o banquete fúnebre; não tem mais esse direito**. O casamento desligou-a por completo da família do pai, quebrando todos os liames religiosos que a ligavam a ela. **É aos antepassados do marido que oferece sacrifícios; pertence agora à sua família, e eles se tornaram seus antepassados**. O casamento proporcionou-lhe um segundo nascimento. De ora em diante ela é a filha do marido, *filiae loco*, dizem os jurisconsultos. Não se pode pertencer nem a duas famílias, nem a duas religiões domésticas; a mulher passa, única e

exclusivamente, **a fazer parte da família e religião do marido. Veremos as conseqüências dessa regra no direito de sucessão.**

A instituição do casamento sagrado também deve ser tão antiga na raça indo-européia quanto a religião doméstica, porque uma não existe sem a outra. Essa religião ensina ao homem que a união conjugal é algo mais que uma relação de sexos e uma afeição passageira, unindo os cônjuges pelo laço poderoso do mesmo culto e das mesmas crenças. Por sua vez, a cerimônia das núpcias era tão solene, e produzia efeitos tão graves, que não nos devemos surpreender se aqueles homens a julgavam permitida e possível com uma só mulher em cada casa. Tal religião não podia admitir a poligamia.

Pensa-se também que essa união era indissolúvel, e que o divórcio era quase impossível. O direito romano facilmente permitia dissolver o casamento por *coemptio* ou por *usus*; mas a dissolução do casamento religioso era muito difícil. Para que houvesse ruptura fazia-se **necessária nova cerimônia religiosa, porque somente a religião podia desunir o que havia unido.** O efeito da *confarreatio* não podia ser destruído senão pela *diffarreatio*. Os dois esposos que desejavam o divórcio apresentavam-se pela última vez diante do fogo sagrado comum, na presença de um sacerdote e de testemunhas. Como no dia do casamento, oferecia-se aos esposos um bolo de flor de farinha. Mas, provavelmente, em lugar de comê-lo, eles o rejeitavam. Depois, em lugar de preces, pronunciavam fórmulas "de caráter estranho, severo, vingativo, terrível," uma espécie de maldição, pela qual a mulher renunciava ao culto e aos deuses do marido. **Desde esse momento o laço religioso estava rompido. Com o término da comunhão de culto, toda outra comunhão cessava por direito, e o casamento ficava dissolvido.**

Uma visão sobre o Casamento hebraico da antiguidade



Tradições do casamento hebraico antigo

O Noivado



De acordo com costumes antigos, a cerimônia do noivado (ou Desposório) ocorreria um ano ou mais, antes de chegar o dia das Bodas. Durante o noivado (ou Desposório) as famílias da noiva e do noivo reunir-se-iam com algumas pessoas que não eram membros da família, as quais serviriam como testemunhas. O noivo daria à noiva um anel de ouro ou outros itens de valor. E se eles eram pobres, e tais coisas estivessem além de sua capacidade, simplesmente o noivo daria para a noiva um documento que no qual se comprometia a casar com ela. O noivo em seguida diria para a noiva: “Olha, com esse anel (ou com este sinal) declaro que você está reservada para mim, de acordo com a lei de Moisés e Israel. A família e amigos, então, concederiam presentes para a noiva.

Após esta cerimônia, a noiva voltava para a casa de seu pai e o noivo de volta para a dele. A vida continuaria como antes, no entanto, a partir deste dia ela seria sua noiva e legítima esposa do noivo.

Foi durante este período de noivado que Maria descobriu que tinha concebido um filho. José profundamente magoado, sem dúvida, teria diversas opções de acordo com a lei. Já que Maria era sua esposa legítima, José poderia ter permitido que ela fosse punida com a morte. (Levítico 20:10), ou poderia ter concedido imediatamente um certificado de divórcio. (Deuteronômio 24:1). A Bíblia nos diz que porque José era um homem justo e reto escolheu assumir a culpa, não arriscando a vida de Maria. No entanto, ele poderia ter escolhido contar a comunidade o que aconteceu a uma mulher casada que foi descoberta em aparente infidelidade. Mas ele preferiu que a sua conduta ilícita fosse mantida em segredo, seguindo para longe e após deixá-la silenciosamente. Foi neste momento um anjo do Senhor lhe assegurou que Maria tinha sido fiel e que a criança que esperava fora gerada pelo Espírito Santo. (Mateus 1:18-25)



Procissão de casamento

Um ano depois, mais ou menos, depois de ter sido realizado a cerimônia de noivado, a noiva sabia que o dia do casamento se aproximava. PORÉM não tinha certeza sobre o dia e a hora exata que seu namorado voltaria para ela. Todas as moças da época de Jesus estavam familiarizadas com o termo, "Corra! Apresse-se! Apronte-se!", que parece descrever a situação da noiva enquanto ela verificava seu calendário e contava os dias até que ele completasse o ano de noivado. Ela sabia que o tempo de sua partida estava se aproximando. A noiva sabia que tinha que estar pronta para ser "levada" a qualquer momento, mas não sabia a data exata ou o dia exato em que o noivo viria para ela. Pois, segundo a cultura judaica, o dia começa ao pôr do sol. O noivo chegaria em geral à noite. Muitos meses antes do dia do casamento, a noiva faria todo o possível para suavizar a sua pele e fazer o seu cabelo brilhar. Quando considerava que o dia do casamento já estava perto, estaria usando o vestido de casamento durante os dias próximos, pois não tinha certeza se o noivo viria para buscá-la na noite anterior ou posterior. Possivelmente seu cabelo seria trançado com ouro e pérolas. Colocaria uma coroa em sua cabeça e pulseiras e brincos e enfeitaria a sua cabeça com jóias e pedras preciosas da família. Se o pai da noiva era um homem pobre, então ela iria pedir que fossem presenteados a ela por seus amigos, adereços, para que ela se apresentasse mais bonita.

O pai do noivo após haver verificado que todos os preparativos na casa da noiva foram realizados, daria permissão para o seu filho para trazer a noiva à sua

casa. O noivo reuniria os seus amigos que o ajudariam a se vestir com roupas bonitas. Seria perfumado com incenso e mirra. Usaria uma coroa de ouro ou teria uma guirlanda de flores colocada em sua cabeça para que pudesse se parecer o mais próximo possível com um rei.



Os amigos estariam fazendo uma brincadeira – iriam se curvar diante dele como se o noivo fosse um membro da realeza – Uma banda de músicos e cantores iria acompanhá-los. Alguns convidados do casamento estariam esperando ao longo do caminho para levar o grupo de amigos e ao noivo para a casa da noiva e o cortejo nupcial se juntaria aos amigos do noivo Quando chegassem à casa da noiva, o noivo, seus amigos e os convidados expressariam sua alegria cantando. o Esposo “tomaria” a sua esposa e a levaria para fora da casa de seu pai. Hoje, é normal aquele que preside uma cerimônia de casamento dizer: “Você toma esta

mulher como sua legítima esposa?” Provavelmente a parte mais emocionante da cerimônia de casamento é quando o noivo “Toma ou recebe” a noiva. Onde o noivo vai fazer isso dependerá de sua condição social. Se você fosse rico, provavelmente já teria um lugar preparado para dois. Se fosse pobre iria para a casa dos pais do noivo. O cortejo nupcial partiria da casa dos pais da noiva e iria para a casa do noivo, onde se realizaria o banquete de casamento. Esperando a procissão e atentos à voz de alegria e celebração, os outros convidados da noiva e suas madrinhas se juntariam ao cortejo nupcial ao longo do caminho.

Uma vez que as ruas eram muito escuras, era necessário para quem viaja à noite, levasse uma lanterna ou uma lâmpada. O termo “tomar as suas lâmpadas” significava que os convidados estavam prontos e esperando para fazer parte da celebração. Algo como ter feito um convite. Sem uma tocha ou uma lâmpada não poderiam juntar-se a procissão nem entrar na casa do noivo. Uma vez dentro da casa, o anfitrião da festa de casamento, que era geralmente o pai do noivo, daria aos convidados preciosas roupas para vestir.



Baseado em Fred H. Wight , Maneras & Costumbres de las Tierras Bíblicas (Chicago, Illinois: Moody Press 1953), p. 130-134; 235

O CERIMONIAL DO SALMO 45

O casamento do Messias não se baseia nas crenças nos lares, penates, espíritos familiares ou religião dos mortos. Não é sob a luz dos medos dos antigos egípcios, ou sob a sombra das maldições tumulares ou das oferendas aos mortos que se desenvolve o cerimonial israelita de casamento. A sombra que paira sobre ele é a eternidade, os anjos, a vida eterna, os mistérios do tabernáculo e uma religião onde um Deus eterno e imortal, e capaz de conceder a vida e a imortalidade, era o protetor, o abençoador e o legitimador de todos os votos. Porém o casamento tinha uma natureza espiritual semelhante, as dimensões de mudança de sacerdócio, de família, linha sucessória, o afastamento da religião anterior, o pertencimento a uma nova família, por parte da esposa, **todas essas coisas estão presentes, num nível de excelência, no casamento no salmo 45.**

A primeira coisa que vamos observar no canto nupcial deste salmo é a diferença, a narrativa de um TIPO casamento que nós DESCONHECEMOS. O casamento de um pastor de ovelhas, de um nobre, de uma filha de fazendeiro, ou de uma moça pobre são muito diferentes de um casamento real. O salmo 45 é o único “testemunho” ou relato de uma festividade de casamento de um rei israelita que nos foi transmitida. Ele possui um protocolo único, se desenvolve através de um cerimonial diferente de um casamento hebraico, grego ou romano.

[30 belas fotos de casamentos da realeza em todo o mundo](#)



Casamentos da realeza são, frequentemente, eventos luxuosos. Mas não são apenas ocasiões felizes para o casal e suas famílias – como sabemos, costumam

atrair também a atenção da mídia global, convidados de alto escalão e as multidões exultantes.

De carruagens puxadas por cavalos a bolos e vestidos de noiva estonteantes, com véus que parecem se estender por quilômetros, mostramos algumas fotos impressionantes das comemorações de casamentos da realeza em todo o mundo.

[príncipe willem alexander e princesa maxima zorreguieta dos países baixos](#)



O príncipe herdeiro holandês, Willem Alexander e sua nova noiva, a Princesa Máxima Zorreguieta, chegam em 2 de fevereiro de 2002 no Palácio Real de Amsterdã, na Holanda, após a cerimônia de casamento.

casamentos da realeza: Príncipe Carl Philip e Princesa Sofia da Suécia



O príncipe Carl Philip da Suécia (que tem sangue brasileiro herdado de sua mãe, a Rainha Sílvia, filha de pai alemão e mãe brasileira) dança com sua nova esposa, Princesa Sofia, da Suécia. A cerimônia de casamento ocorreu no Palácio Real em 13 de junho de 2015, em Estocolmo.

kanjeng pangeranHaryo Notonegoro e Gusti Kanjeng Ratu Hayu da Indonésia



Kanjeng Pangeran Haryo Notonegoro e Gusti Kanjeng Ratu Hayu acenam para multidões em sua jornada de carruagem como parte de seu casamento real em 23 de outubro de 2013, em Yogyakarta, Indonésia.

[casamentos da realeza: Príncipe Charles e Princesa Diana do País de Gales](#)



Lady Diana Spencer, que logo se tornaria a princesa de Gales, se vira quando suas damas de honra montam seu véu na chegada à Catedral de Saint Paul para o seu casamento real com o príncipe Charles em Londres, em 29 de julho de 1981.

Príncipe Félix e Princesa Claire do Luxemburgo



A princesa Claire de Luxembourg e o príncipe Felix de Luxembourg são vistos durante a cerimônia de casamento real na Basílica Sainte Marie-Madeleine, que ocorreu em 21 de setembro de 2013, em Saint-Maximin-La-Sainte-Baume, França.

casamentos da realeza: Hisanaga Shimazu e (ex) Princesa Suga do Japão



Takako Shimazu, ex-princesa Suga, renunciou ao título para se casar com um plebeu, Hisanaga Shimazu, um funcionário de banco. Na foto, ambos sorriem durante uma entrevista coletiva após a cerimônia de casamento em Tóquio, em 10 de março de 1960. Em 2017, a princesa Mako, neta mais velha do Imperador Akihito, também renunciou ao trono para se casar com um plebeu que conheceu na universidade.

Christopher O'Neill e a princesa Madeleine da Suécia



Christopher O'Neill e a princesa Madeleine da Suécia são conduzidos pelo cavalo e carruagem do palácio real de Estocolmo a Riddarholmen, após o casamento no Palácio Real em 8 de junho de 2013, em Estocolmo, na Suécia.

casamentos da realeza: Príncipe Rainier e Grace Kelly de Mônaco



Grace Kelly sobe ao altar da Catedral de Mônaco no braço de seu pai, John B. Kelly, para seu casamento com o príncipe Rainier, em 19 de abril de 1956.

Príncipe Daniel, Duque de Västergötland e Princesa Victoria da Suécia



A princesa Victoria da Suécia e o príncipe Daniel, duque de Västergötland, dividem uma fatia do bolo de casamento durante o Banquete de Casamento no Palácio Real em 19 de junho de 2010, em Estocolmo, Suécia.

Rei Jigme Khesar Namgyel Wangchuck e Rainha Ashi Jetsun Pema do butão



Sua majestade, o Rei Jigme Khesar Namgyel Wangchuck e a Rainha Ashi Jetsun Pema saem após o término da cerimônia de casamento em 13 de outubro de 2011, em Punakha, Butão. O Dzong é o mesmo local que sediou a cerimônia de coroação histórica do rei, em 2008.

casamentos da realeza: Rainha Elizabeth II e Príncipe Phillip, Duque de Edimburgo



A rainha Elizabeth II e o príncipe Phillip são vistos saindo da Abadia de Westminster, em Londres, em 20 de novembro de 1947, após a cerimônia de casamento.

Príncipe Alberto II de Mônaco e Princesa Charlene Wittstock de Mônaco



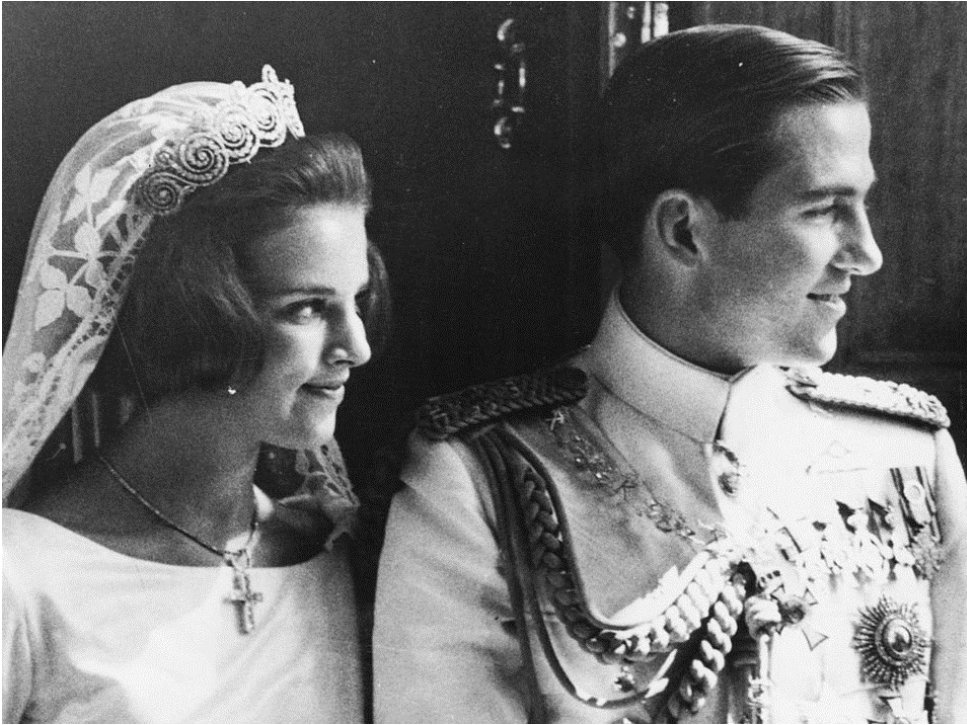
Fogos de artifício iluminam o porto após a cerimônia religiosa do casamento real do príncipe Alberto II de Mônaco com Charlene Wittstock em 2 de julho de 2011, em Mônaco.

Príncipe William, duque de Cambridge e Catherine, duquesa de Cambridge



O príncipe William e Kate Middleton beijam-se no balcão de Buckingham Palace em 29 de abril de 2011, em Londres, Inglaterra.

[casamentos da realeza: Rei Constantino e Princesa Anne Marie da Grécia](#)



O Rei Constantino da Grécia e a Princesa Anne Marie no dia do casamento, na Catedral Ortodoxa de Atenas, em 19 de setembro de 1964.

[Príncipe Carlos de Bourbon de Parme e Princesa Annemarie Gualtherie van Weezel da Bélgica](#)



A princesa Annemarie Gualtherie van Weezel e o príncipe Carlos de Bourbon de Parme deixam a igreja após seu casamento real em Abbaye de la Cambre o 20 de novembro de 2010, em Bruxelas, Bélgica.

casamento da realeza: Yoshiki Kuroda e Sayako Kuroda do Japão



Sayako Kuroda e Yoshiki Kuroda levantam taças de champanhe para brindar durante o banquete de casamento num hotel em Tóquio, em 15 de novembro de 2005. Sayako, filha do imperador Akihito e da imperatriz Michiko, abandonou seu status de princesa ao casar-se com Kuroda, um funcionário do governo de Tóquio.

Príncipe Frederico e Princesa Maria da Dinamarca



O príncipe herdeiro dinamarquês Frederik e sua noiva, a princesa Mary, beijam-se como o casal real, na sacada do palácio de Christian VII, depois do casamento em 14 de maio de 2004, em Copenhague, na Dinamarca. O romance começou em 2000, quando a senhorita Mary Elizabeth Donaldson conheceu o herdeiro de uma das monarquias mais antigas da Europa nos Jogos Olímpicos de Sydney, onde ele estava com a equipe de navegação dinamarquesa.

casamentos da realeza: Príncipe herdeiro Al-Muhtadee Billah e Sarah Salleh de Brunei



O príncipe herdeiro de Brunei, Al-Muhtadee Billah e sua noiva, Sarah Salleh, caminham pelo corredor depois da cerimônia de casamento no Istana Nurul Iman em Bandar Seri Begawan, Brunei, em 9 de setembro de 2004. O futuro rei do petróleo de Brunei apresentou sua noiva adolescente para o mundo numa cerimônia dourada e tradicional, com a presença de líderes asiáticos e da realeza árabe.

[casamentos da realeza: Príncipe Felipe e Letizia Ortiz da Espanha](#)



O príncipe herdeiro da Espanha, Felipe, e sua noiva, Letizia Ortiz, participam de uma cerimônia na igreja de Atocha, após seu casamento em Madri, em 22 de maio de 2004.

[Príncipe Jaime de Bourbon Parme e Viktoria Cservenyak dos Países Baixos](#)



O príncipe Jaime de Bourbon Parme e Viktoria Cservenyak saem da cerimônia de casamento na Igreja de Nossa Senhora da Ascensão em 5 de outubro de 2013, em Apeldoorn, Países Baixos.

[Emanuele Filiberto de Sabóia, Príncipe de Veneza, e Clotilde Courau, princesa de Veneza](#)



A atriz francesa Clotilde Courau olha por cima do ombro de seu novo marido, Emanuele Filiberto, o chefe da Casa Real de Savoy, na saída de sua cerimônia de casamento, realizada na igreja de Santa Maria degli Angeli em Roma, em 25 de setembro de 2003, na Itália.

casamentos da realeza: Ari Behn e a princesa Martha Louise da Noruega



A princesa Martha Louise, da Noruega, e o escritor Ari Behn acenam para as multidões enquanto caminham até o Palácio Stiftsgarden após o casamento, em 23 de maio de 2002, em Trondheim, na Noruega.

Príncipe Joachim e Princesa Maria da Dinamarca



O príncipe Joachim da Dinamarca casou-se com Marie Cavallier, da França, em Moegeltoender, Dinamarca, em 24 de maio de 2008. Ambos trocaram votos num casamento na igreja com membros da realeza escandinava e outros dignitários. Joachim é o filho mais novo da rainha Margrethe, e o quarto na linha do trono da Dinamarca.

Rei Mohamed VI e Princesa Lalla Salma de Marrocos



O rei Mohamed VI de Marrocos senta-se com sua esposa, a princesa Lalla Salma, no palácio real em 13 de julho de 2002, em Rabat, Marrocos. As celebrações públicas quebraram a tradição de manter as esposas reais escondidas.

Rei Letsie III e Karabo Motsoeneng do Lesoto



O rei Letsie III do Lesoto e sua nova esposa, Karabo Motsoeneng, acenam para aqueles que participaram de sua tradicional cerimônia de casamento católica no estádio nacional em Maseru, Lesoto, em 18 de fevereiro de 2000.

casamentos da realeza: Philipp von Lattorff e a princesa Tatjana do Liechtenstein



A princesa Tatjana de Liechtenstein e o executivo alemão Philipp von Lattorff acenam para a multidão depois de seu casamento na catedral de Vaduz, em 5 de junho de 1999.

Príncipe Abdul Malik e Dayangku Raabi 'atul 'Adawiyah Pengiran Haji Bolkiah do Brunei



O sultão de Brunei, Hassanal Bolkiah, segura o braço de seu filho, o príncipe Abdul Malik, para abençoar a nova esposa de Malik, Dayangku Raabi'atul 'Adawiyah Pengiran Haji Bolkiah, durante a cerimônia de casamento no Palácio de Nurul Iman em Bandar Seri Begawan, em 12 de abril de 2015. Sultan Hassanal Bolkiah de Brunei é um dos homens mais ricos do mundo.

casamentos da realeza: Príncipe Laurent e Claire Coombs da Bélgica



O príncipe Laurent da Bélgica e sua noiva Claire Coombs, o rei Albert e a rainha Paola, Nicolas Coombs e Nicole Mertens, acenam para a multidão da sacada do Palácio Real de Bruxelas em 12 de abril de 2003, em Bruxelas, na Bélgica. O príncipe Laurent da Bélgica casou-se com Claire Coombs numa cerimônia na prefeitura de Bruxelas.

casamentos da realeza: Príncipe Ali e Reem Ibrahimí da Jordânia



O príncipe da Jordânia, Ali, o meio irmão do monarca jordaniano Rei Abdullah, senta-se ao lado de sua noiva, Reem Ibrahimí, filha do diplomata da ONU Akhdar al-Ibrahimi, durante um casamento realizado no Palácio Real em Amã, em 7 de setembro 2004.

Príncipe Mwelí Mzizi da família real Zulu e Debra Patta



A locutora de rádio Debra Patta e seu marido, membro da família Real Zulu, Príncipe Mweli Mzizi, após o casamento em Johannesburgo em 6 de janeiro de 1996. Vários membros da família de Mzizi viajaram da província de KwaZulu Natal, e vários parentes de Patta da Itália para testemunhar o casal trocar os votos.

São inúmeros os exemplos da suntuosidade, luxo, cerimonial requintado, intrincadas tradições dos casamentos reais ao redor do mundo. No decorrer da história casamentos assombrosos ocorreram, todos revestidos de profundos significados, que representavam a união de famílias reais (de caráter divino), povos, raças, tribos e mesmo nações. Reis se casando significava de modo lúdico, deuses se unindo. Casamento de divindades, de uma família com ascendência divina. **Noivos de famílias reais da antiguidade possuíam uma tradição mítica que os elevava a condição divina, por isso também eram diferenciados, especiais e sobretudo SAGRADOS.** A religião antiga possuía, além da face mórbida de adoração aos antepassados, uma segunda universal condicionante, que era o CASAMENTO DIVINO. Todas as DEUSAS da antiguidade possuíam MARIDOS ou consortes, fossem eles humanos ou divinos. Afrodite, Hator, Isis, Ishitar, Inana, Frigga, Asherah (a deusa árvore), Parvarti, etc. **Muitos rituais inclusive simulavam o casamento de deusas e seres humanos. Ou de deuses e seres humanos.**

Sem entrar na questão religiosa desta relação estranha, que gerou até mesmo a prostituição cultural, condenada em diversos momentos pelos profetas, temos a influência do MITICO no casamento real, de um modo muito poderoso.

Até para que um casamento real ocorresse deveria haver a concordância das divindades, que regiam os movimentos dos corpos celestes. Ainda hoje nas tradições dos povos asiáticos os familiares consultam xamãs ou ao horóscopo para verificar quais seriam as datas mágicas, os dias sagrados ou consagrados, denominados de AUSPICIOSOS, nos quais haveria essa "concordância" trazendo boa-sorte para vida do casal, ou impedindo que a má-sorte transtornasse a vida do futuro casal. Isso reflete a crença antiga que não há uma "liberdade" plena humana para o ato do casamento, antes que poderes celestiais interferem e até ditam condições para a união de seres humanos.

Esperava-se em virtude disso, essa representação divina, a necessidade de aceitação divina, a confirmação celestial, que um casamento real fosse "coisa de divindades", especial, único, soberbo, **MARAVILHOSO** em todos os aspectos.

2 Tu és mais formoso do que os filhos dos homens; a graça se derramou em teus lábios; por isso Deus te abençoou para sempre.

A descrição deste casamento real especial nos remete aquilo que uma noiva desejaria muito, um esposo lindo. O Messias é apresentado com a formosura que

excede a de todos os outros homens. E não é somente formoso. Sua palavra é maravilhosa em todos os sentidos, o coração da futura esposa derrete ao ouvi-lo.

3 Cinge a tua espada à coxa, **ó herói**, com a tua glória e a tua majestade.

4 E **neste teu esplendor cavalga prosperamente, por causa da verdade, da mansidão e da justiça**; e a tua destra te ensinará coisas terríveis.

5 **As tuas flechas são agudas no coração dos inimigos do rei, e por elas os povos caíram debaixo de ti.**

A chegada dele no palácio é triunfal. Ele possui uma história, ele venceu batalhas, ele participou da guerra e venceu. Ele é um guerreiro, possui uma espada e é habilidoso com ela, seus feitos não declarados no poema, são insinuados como espetaculares, heroicos, evoca os sacrifícios realizados, a sua nobreza absurda, por isso também é chamado de herói. Seus propósitos não são mesquinhos, ele não batalhou por vaidade, sua luta não foi vã, ele é um herói de verdade e suas causas excelentes, virtuosas. Ele lutou por causa da Verdade, ele lutou para conseguir a Paz (pela causa da mansidão), ele lutou para que a justiça fosse alcançada. Ele lutou por um reino, que era odiado, que possuía inúmeros inimigos, porém sendo capacitado em muitas modalidades de luta, também era arqueiro habilidoso e possivelmente, invencível.

6 O teu trono, ó Deus, **é eterno e perpétuo**; o cetro do teu reino é um cetro de eqüidade.

7 Tu amas a justiça e odeias a impiedade; **por isso Deus, o teu Deus, te ungiu com óleo de alegria mais do que a teus companheiros**

O poema trata o rei como Deus, porque ele se eleva da terra aos céus, o coração do salmista PROFETIZA. Ele percebe um reino eterno, e vê a consagração que é concedida aos reis, sacerdotes e profetas sendo derramado agora para preparar um casamento. E não é uma unção comum, ela faz algo no coração do Messias, ela produz uma alegria imensa, uma intensa alegria, uma felicidade maior que quaisquer outros "companheiros" nobres, amigos ou no caso, profetas, sentiram.

A figura do casamento é usada frequentemente nas Escrituras para representar a relação entre Deus e seu povo. No Velho Testamento, Deus é o marido e o povo de Israel, a mulher. No Novo Testamento, Cristo é o noivo e a igreja, a noiva.

O salmo 45 retrata um acontecimento profético cósmico, ele representa um casamento especial o do Messias ou de Cristo com sua Igreja.

A noiva é a igreja e o noivo é Jesus

1. "Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela" (Efésios 5:25).

2. Jesus quer voltar e encontrar a sua noiva “gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito” (Efésios 5:27).

3. Alegremo-nos, exultemos e demos-lhe a glória, porque são chegadas as bodas do Cordeiro, cuja esposa a si mesma já se ataviou, pois lhe foi dado vestir-se de linho finíssimo, resplandecente e puro. Porque o linho finíssimo são os atos de justiça dos santos. Então, me falou o anjo: Escreve: Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro. (Apocalipse 19:7-9)

4. “Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro....São estas as verdadeiras palavras de Deus” (Apocalipse 19:9).

5. Ele falou da noiva preparada e da esperança de morar eternamente com Deus, o perfeito marido: “Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo. Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles”. (Apocalipse 21:2-3)

O espetacular casamento que o salmo 45 retrata é o casamento messiânico. **O casamento mágico, divino, espiritual entre Cristo e a Igreja**, entre Deus e a Humanidade redimida, fala do amor dos Céus pela terra, retrata o encontro da eternidade e o passageiro. É a união do reino de Deus e a humanidade, ela é representada pela moça que é DOADA ao rei, que fará parte do REINO CELESTIAL, já não será mais herdeira das tradições humanas, da vaidade, da mentira, do pecado.

O salmo 45 se identifica com “**A celebração das bodas do cordeiro**” por isso se reveste de magnificência.

Cristo amou o mundo de tal modo que deu sua vida, lutou contra o império das trevas, foi morto, desceu até a região dos mortos, vence a morte, arrebatou sua Amada das mãos do inimigo, dos poderes das potestades, do domínio das trevas, e dá como dote para sua Amada sua vida celestial, compartilha com a humanidade que nele crê sua natureza, seu reino, sua herança que inclui um universo novo que está para chegar.

Os convites para o casamento foram enviados e milhares o aceitaram, sendo então preparados para participarem do evento profético, que se reveste de tonalidades e belezas impressionantes. No casamento do Messias os mortos em Cristo ressuscitam e recebem vestes espirituais novas, e até mesmo CORPOS NOVOS. Eles são enfeitados dos pés à cabeça, e revestidos de corpos glorificados já não morrem e nem podem mais morrer, sendo absorvidos pela natureza física celestial, tornados semelhantes aos anjos, numa festa de alegria como jamais foi vista em toda a criação. Dezenas de servas cantando e exultando dançariam a frente da estrangeira vestida de bordados e fios de ouro em direção ao trono do

rei, porém bilhões de anjos, cantando, rompendo em alegria acompanham uma multidão inconcebível no encontro tão aguardado entre Cristo e sua Igreja. O palácio de Salomão é o luxuoso lugar fonte da inspiração do cântico nupcial, e será no palácio de Cristo, numa cidade denominada Nova Jerusalém que flutua como uma lua nova ao redor de uma terra assombrada, local cuja descrição em Apocalipse retrata ruas feitas de ouro, muros de pedras preciosas, que será o lugar escolhido para a festa de casamento celestial.

Todos os rituais distorcidos do casamento entre as deusas e os seres humanos, que se transformavam em representações carnis, onde o sexo era elevado ao nível do sagrado e as sacerdotisas cometiam ato de prostituição, são somente uma corrupção desse evento sagrado. São uma digressão uma distorção do cumprimento dessa profecia. Quando Cristo deixando para trás os céus, tornou-se um ser humano e revestido de carne, caminhou entre nós, habitando Deus em um corpo humano. **Porém, agora, faz o movimento contrário.** Leva a humanidade até o lugar de sua habitação, ao misterioso lugar onde está o centro do universo, onde habitam os anjos e os querubins, e no caminho METAMORFOSEIA a igreja, tirando dela a fraqueza humana, as limitações humanas, concedendo-lhe um corpo que possa suportar as maravilhas e o poder do lugar onde Deus habita CORPORALMENTE.

A moça do salmo 45 é vestida de bordados e ouro, a Igreja é revestida de gloria, que lhe transforma, fazendo individualmente com que os que creram no evangelho, semelhantes a anjos.

Todas as tuas vestes cheiram a mirra e aloés e cássia, desde os palácios de marfim de onde te alegram.

MIRRA

As especiarias têm grande sentido na Bíblia. A mirra foi usada de diversas formas. Cantares usa essas especiarias, é como se o livro destilasse as mais variadas fragrâncias, e é verdade. O tema leva à consideração desses famosos perfumes do Oriente e da terra de Israel. Vimos Jacó enviando em tempo de seca, dessas especiarias ao Faraó do Egito.

Sobre as vestes do Messias, profeticamente o livro de Salmos anunciaria:

“Todos os teus vestidos cheiram a mirra e a aloés, a cássia”. Salmo 45:5,

Mateus 2:11 fala da mirra com a qual os magos presentearam a Jesus.

A vida de Jesus está muito entrelaçada com a mirra.

O nome mirra com leves variações, é encontrado em várias línguas: murre (acadiano), marra (árabe); marra (grego). Em português “amargo”. Provavelmente trata-se de gosto amargo da resina. Paradoxalmente este arbusto deleitável foi encontrado no mercado em forma cristalina, o mor dror, um dos ingredientes do incenso do Templo (Êxodo 30:23). Dor significa - como pérola.

Os cristais eram vendidos em saquinhos, daí a expressão **“um saquitel de mirra”** (Cantares 1:13). Dissolvidos em óleo, os cristais se tornam mais amargos que a mirra líquida ou fluída - Cantares 5:5).

A Mirra aparecerá sólida num saquitel entre os seios da moça e líquida gotejando pelas mãos dela ao abrir a porta para seu amado.

A mirra foi como que a preferida de Salomão que a cita 7 (sete) vezes no livro de Cantares.

8 Todas as tuas vestes cheiram a mirra e aloés e cássia, desde os palácios de marfim de onde te alegram.

A mirra é uma resina derivada da planta de mesmo nome.

A mirra verdadeira **era valiosa e estimada pelos antigos tanto como perfume como incenso nos templos**. Era também usada como unguento e bálsamo. Natural das costas orientais da África, Abssinia, Arábia e Somália. Antigamente a substância obtida de sua resina era comercializada. Hoje cresce em áreas rochosas, nos montes calcáreos do Oriente Médio e em muitas partes do norte da África.

Em Cantares 5:13, a mirra é proeminente: a mirra foi usada por Davi e Salomão e também é descrita em Mateus 2:11, Marcos, João e em Salmos 45:8.

A Bíblia descreve a mirra como a mais popular e preciosa resina. Os egípcios antigamente usavam a mirra como incenso nos templos e **como embalsamento para seus mortos**.

Apocalipse 18:13 fala do comércio dos grandes impérios do Oriente. A mirra está ligada a Jesus do seu nascimento à sua morte.

Mateus 2:11 **e ainda na crucificação Jesus provou dela.** Marcos 15:23

Nicodemos trouxe um mistura **de mirra e aloés** com lençóis para enrolar o corpo de Jesus

(João 19:39-40, Êxodo 30:23, Ester 2:12, Salmos 45:8, Provérbios 7:17, Cantares 1:3, 3:6, 5:5-14, Mateus 2:11, Marcos 15:23, João 19:39 e Apocalipse 18:13).

São arbustos baixos, do tipo moita, galhos grossos e duros. As folhas crescem em cachos e no caule encontram-se espinhos afiados.

A resina é abundante e é obtida pela incisão artificial. A madeira e a casca são fortemente odoríferas. Logo que é exsudada a resina é macia, clara, dura, branca ou amarela-escuro. Por um pouco é oleosa, solidificando-se rapidamente quando pinga sobre as pedras em baixo dos galhos. É amarga e levemente pungente ao paladar. Já se usou em medicina como tônico adstringente externamente como um agente de limpeza. Nos países orientais é muito apreciada como substância aromática, medicinal e como perfume.

8 Todas as tuas vestes cheiram a mirra e aloés e cássia, desde os palácios de marfim de onde te alegam.

As mulheres que foram ao sepulcro de Jesus também levaram, entre as especiarias, a mirra. Era embalada em vasos. Os israelitas também usavam-na muito como perfume e Davi a canta pela sua fragrância e Salomão deliciou-se nela. Foi um dos ingredientes do santo óleo, como aloés, cássia e canela.

Cantares se refere a um cano de mirra em vez de um pedaço como se poderia esperar de uma tal resina.

Como dissemos, Jesus provou dela no Gólgota, talvez uma bebida existente entre os soldados, mas seja qual fosse, era de um gosto amargo. Jesus quando ferido na cruz, quando no Getsemani suou sangue, foi como se pedaços de mirra se lhe tivessem atingido. A igreja de Jesus se orna com mirra e todos os unguentos aromáticos. Então esta especiaria se associa a ele do nascer ao morrer. Sua vida foi pontilhada de pedaços amargos, de mirra.

O Gólgota foi para Jesus o jardim da mirra. A semelhança da extração da mirra através da incisão, Jesus também foi ferido ali. O sangue de Jesus ensopou aquele lugar - era a mirra que pingava em gotas brilhantes como água e sangue - a água da vida e o sangue da salvação. Foi a hora mais amarga de Jesus mas também de onde se despreendeu o precioso perfume de Cristo. Era a hora da amargura, a hora do perfume, a hora do incenso no Templo, a hora da oferta da tarde da minhah - presente de Deus para o homem, a hora em que Ele garantiu nossa entrada no Santuário e no Santo dos Santos. Foi a hora do rasgar-se do véu por inteiro, como Jesus por inteiro se deu ao mundo. A hora mais sublime para o Pai, porque o Filho cumpriu tudo o que dele exigiu.

8 Todas as tuas vestes cheiram a mirra e aloés e cássia, desde os palácios de marfim de onde te alegam.

E tudo isso a Sunamita celestial guarda entre os seus seios. Os seios falam desde a antiguidade da intimidade nupcial. As mulheres orientais não descobriam sequer a fronte diante de estranhos. Que se dirá dos seios. Todas as estátuas de divindades antigas são retratadas com seios desnudos. Com grandes seios. A beleza de uma moça era julgada pela beleza de seus seios, a fertilidade dela estabelecida pelo tamanho deles e de sua capacidade de amamentação. A pobreza e a fome representados pela magreza dos mesmos, a infância por sua ausência. A moça está falando de algo que não é visível aos olhos de ninguém. Porque nessa época ao menos, ela está recoberta de vestidos que não permitem ver um decote. Simboliza que **ela está contando um segredo**. Um mistério. A igreja revela que no coração guarda o sofrimento de Cristo, de modo profundo, íntimo e por isso, por amar seu sacrifício, cheira a mirra.



O MESSIAS E A RELIGIÃO ANTIGA

O culto de Adônis era celebrado em toda a Fenícia e, especialmente, em Biblos. Em Ghineh, ainda existe um monumento em sua honra, onde Adônis é representado com uma lança na mão, vigiando o animal que está prestes a atacá-lo, enquanto Afrodite aguarda, com ar de grande preocupação. Os Fenícios acreditavam que Adônis voltava todos os anos, a estes locais de culto, para ser mortalmente ferido e que o seu sangue tingia as águas do Rio Nahr Ibrahim, a que os gregos chamavam rio Adônis. O mito de Adônis está também ligado à origem da mirra e à origem da rosa, plantas que nasceriam de uma gota do seu sangue. – Adônis era assim o substituto grego oficial de Tamuz. E era chorado amargamente por uma multidão de mulheres, todos os anos.

Aqui há uma pista interessantíssima para compreensão da religião antiga. Além da adoração dos espíritos mortos, eram as histórias românticas protagonizadas pelos deuses. Eles protagonizavam histórias de amor da antiguidade. Milhares de mitos, transformados em cultos oficiais, cujas histórias divinas eram TRAGÉDIAS de amor.

Jesus refaz a história com um final feliz. Ele desconstrói a história mítica de todos os deuses da antiguidade, que ainda que “renascidos” permaneciam a “viver” no domínio dos mortos. Como fantasmas. Ao ressuscitar dos mortos e permanecer vivo eternamente, ele muda radicalmente o “choro em riso” conforme profetizado em Isaías. Já não haveria mais pranto, anual, todo ano esses deuses “morriam” para renascer, desde Osíris egípcio, mas Jesus morre uma única vez, para permanecer então vivo para todo sempre:

Apocalipse 1

...17Assim que o admirei, caí a seus pés como se estivesse morto. Então, Ele colocou sua mão direita sobre mim, e disse: “Não tenhas medo, Eu Sou o primeiro e o último. 18 Eu Sou o que vive; estive morto, mas eis que estou vivo por toda a eternidade! E possuo as chaves da morte e do inferno.

Ou seja, Adônis, Tamuz, Marduk, Osíris, com seus limitados recursos, fadados a um destino eterno de sofrimento de morte-ressurreição, num ciclo sem fim, são suplantados por aquele que venceu DEFINITIVAMENTE a morte, e de quebra ainda trancou o inferno tomando as chaves de quem quer que tivesse anteriormente seu domínio.

O Messias um dia representará um dia todas essas realidades espirituais, deturpadas. A igreja será chamada a Noiva, que desprovida de divindade é convidada a participar da natureza divina. Ishitar é deusa, a Igreja é humana. Ela se unia a humanidade através da prostituição cultural. Deus se unirá a humanidade através de uma virgem pelo Espírito de Deus, sem uso de energia sexual. O Messias será o sacerdote e rei, de acordo com milhares de tradições

mágicas, porém também será sacrifício e vida, sem necessitar de um substituto, um rei temporário, um escravo que assuma as suas funções para depois morrer. Ele que nasceu para ser rei caminha para o patíbulo da cruz sem aceitar seu livramento. Em vários povos a imagem do deus que morre ou do deus que precisa morrer é uma constante.

E também uma necessidade. Ao observar os ciclos da natureza e re-imaginar os deuses sobre a ótica da mortalidade humana, de suas paixões e dramas, o mundo mágico entendeu que a vida na terra dependia de que parte dos seus deuses deixassem de existir, mesmo que por um período. Fosse ao olhar as estações ou mesmo o dia e a noite, o ocaso do sol, e o amanhecer. Compreendiam que se seu deus morresse sua energia se derramaria sobre os grãos, e plantações e sobre a terra e ela seria a partir disso renovada. E que após esse 'derramar' de energia, fruto de sua morte, ele ressurgiria para dar continuidade a sua existência. Os cultos de lamentação da antiguidade por Osíris, Adonis, Tamuz, Hipólito ou Virbio, onde virgens choravam sua morte cósmica, são fruto dessa imaginação mágica. **Jesus cumprirá esse anseio imaginado, de modo espiritual.** Já estava no script. De certo modo as religiões declaram isso, elas possuem o germe da revelação divina, elas traduzem, ainda que dissimuladamente, todas elas, o que somente Cristo poderia realizar na cruz do calvário. O mundo mágico tem origem em coisas espirituais, mas que foram corrompidas pela maldade espiritual e humana. O mágico significa contato com entidades, poderes, seres espirituais que comunicam seus saberes, suas doutrinas, seus pensamentos com os seres humanos. Nenhum antropologista ousa passar do limite psicológico das práticas mágicas. Porém profetas ultrapassam esse limite. O que não foi escrito pelos etnógrafos é que o mundo do além, o mundo mágico possui VOZ. Há influência, há doutrinas, existe algo externo ao ser humano que lhe dirige as práticas mágicas. As possessões e os transe não são danças inocentes, nem rituais silenciosos. Os sacerdotes e feiticeiros ouvem e veem coisas, e são por visões, revelações, e vozes, orientados. O espiritual verdadeiro se perdeu num mundo de vozes malignas.

O pensamento mágico da humanidade e suas práticas de feitiçaria e magia, são fruto de desprezar as verdadeiras revelações divinas e as substituí-las pela doutrina dos espíritos, poderes, entidades e vozes. A religião humana nasce dessa rejeição de valores espirituais verdadeiros, e da substituição por uma espiritualidade corrompida. Então, quando as mulheres choram por Adonis, o choram pelo senhor errado. Porque suas religiões apontam para uma realidade que só possui significado em Jesus, que só se torna verdadeira na história da redenção.

Ali, no grande santuário da deusa em Zela, seu mito se traduzisse regularmente em ação: **a história de seu amor e a morte de seu divino amante eram dramatizadas ano a ano numa espécie de auto, por homens e mulheres que viviam por algum tempo, e por vezes morriam, no papel dos seres visionários aos quais personificavam.** A intenção desses dramas sagrados, podemos ter certeza, não era divertir nem instruir uma audiência ociosa tal como também não era seu objetivo gratificar os atores, a cujas baixas paixões davam

rédeas durante algum tempo. **Eram ritos solenes que imitavam os atos de seres divinos, porque o homem imaginava que tal mímica lhe permitiria arrogar-se as funções divinas e exercê-las em benefício de seus semelhantes.** Na sua maneira de pensar, as operações da natureza eram realizadas por personagens míticas muito semelhantes a ele mesmo, e, **se lhe fosse possível assimilar-se aos deuses completamente, também seria capaz de dispor de todos os seus poderes.**

Foi esse, provavelmente, o motivo original da maior parte dos dramas religiosos, ou mistérios, entre os povos primitivos. Os dramas são encenados, os mistérios são representados, não para ensinar aos espectadores as doutrinas do credo, e menos ainda para diverti-los, mas com a finalidade de produzir aqueles efeitos naturais que são representados em disfarce mítico. Numa palavra, são cerimônias mágicas, e seu modo de operação é a mímica ou a simpatia.

O mistério da piedade é que Jesus realizará a dramatização suprema, para que através de sua morte a todos pudesse atrair para si. A cruz é então a apresentação espiritual mais significativa da história da religião da antiguidade, porque:

[16](#)Sem dúvida, grande é esse mistério da fé: Deus foi manifestado em carne, foi justificado no Espírito, contemplado pelos anjos, pregado entre as nações, crido no mundo e recebido acima na glória. I TM 3.16

Irá agregar em si todos os elementos espirituais nos quais os gentios bebiam, viviam, celebravam, cultuavam, acreditavam.

Jesus é sacerdote e rei, rei transitório e rei eterno, é justo e justificador, é de ascendência divina, derrama sua vida divina, sofre a paixão da morte pelo indigno, pelo órfão, pelo escravo, a quem chama para participar de sua realeza, ressuscita com autoridade, torna-se sacrifício e oferenda eterna, oferece sua carne e sangue como alimento e bebida espirituais, ele é o rei que enferma, apesar de ser o príncipe herdeiro que é perfeito, ele é deposto pelos seus para ser coroado pela obediência, ele assume a postura de um bode expiatório, deixa-se enfermar, ainda que possua a natureza divina, ele cumpre o desígnio da morte da divindade, e realiza o impossível que é tornar os que dele participam, imortais.

Provavelmente não erraremos ao supor que muitos mitos que hoje conhecemos apenas como mitos tiveram outrora sua contrapartida na mágica; em outras palavras, que costumavam ser representados como um meio de produzir na realidade os fatos que descreviam em linguagem figurativa. As cerimônias, com freqüência, desaparecem, ao passo que os mitos sobrevivem, e *cabe-nos deduzir a cerimônia morta a partir do mito vivo*. Se os mitos são, num certo sentido, reflexos ou sombras dos homens projetados nas nuvens, podemos dizer que esses reflexos continuam visíveis no céu e nos informam dos feitos dos homens que ali os projetaram muito tempo depois que os próprios homens não só estão fora do alcance de nossa visão, como também mergulhados para além do horizonte.

Então do choro dos pais, que aconselham sua filha amada, ao recebimento de tradições novas, ao pertencimento a uma nova religião, a um novo sacerdócio, deixando para trás um mundo conhecido abraçando ao desconhecido, ao som de alegres danças, ao som do júbilo das jovens, diante do ciúme da rainha que observa atenta a chegada de sua nova rival, os mistérios do coração da jovem que espera ter a honra de ser tornada rainha, que tem a esperança de que seus filhos sejam aqueles que o rei escolherá para sua sucessão. A palavra amiga que se transforma em Graça que sai dos lábios de quem será seu consorte por toda vida apazigua o coração da jovem noiva, no dramático casamento real, onde o rei foi CONSAGRADO para ela e ela está sendo SEPARADA para ele. Os cabelos dele ainda brilham com o óleo com que foi ungido pelo seu pai, as vestes de ambos exalam o perfume de mirra e aloés.

A aventura da salvação é como um casamento em que o noivo pertence a um outro universo. Seu convite não pode ser recusado, porque a honra que ele carrega é muito grande, porque para que ele pudesse formalizar tal união foi necessário realizar coisas difíceis. O rei lutou para que essa situação pudesse chegar a um bom final. O reino do Messias é diferente dos reinos do mundo. Suas leis são também mais excelentes, sublimes e tem origem no coração do próprio Deus. Sair da casa de sua parentela, deixar de lado suas origens terrenas, gera incertezas, gera temores, mas a voz do noivo é agradável. E seus propósitos verdadeiros. Sua urgência na realização deste casamento diz respeito a condição da noiva, diz respeito a dívidas que seus pais contraíram, Adão e Eva, e que não haveria como se pagar. Há também uma situação de guerra em andamento, não é um casamento numa época de paz. E há uma tempestade a caminho, a grande tribulação e uma destruição inimaginada que será causada por hordas invasoras, quando o poço do Abismo for aberto. Por isso o noivo tem pressa em firmar o coração da noiva, em que ela entregue para ele de modo completo a seu coração. Ele anseia que a noiva confie nele de maneira integral. As bodas do cordeiro representam a maior celebração do universo. E o salmo 45 canta esta profecia, a canção nupcial do casamento real, a canção nupcial da profecia. Onde tudo termina e onde tudo terá início novamente.

Wellington Corporation